

SEVEN

EDITORIA
2026

O ANTIGOMOBILISMO COMO PRÁTICA CULTURAL

MEMÓRIA, IDENTIDADE E
DISPUTA DE LEGITIMAÇÃO
EM VIÇOSA, MG



VICTOR DE SOUZA SILVEIRA, CHARLENE APARECIDA DA SILVA, RAFAELA ARAÚJO DE OLIVEIRA, ELTON
TADEU DA SILVEIRA, RICARDO AUGUSTO PAES RIBEIRO, THATIANE CRISTINA FIALHO BOTELHO,
VANDA DO CARMO LUCAS DOS SANTOS, JOYCE SANTANA BERNARDO, SEBASTIÃO LOPES ACÁCIO

EDITORIA CHEFE

Prof^o Me. Isabele de Souza Carvalho

EDITOR EXECUTIVO

Nathan Albano Valente

AUTORES DO LIVRO

Victor de Souza Silveira
Charlene Aparecida da Silva
Rafaela Araújo de Oliveira
Elton Tadeu da Silveira
Ricardo Augusto Paes Ribeiro
Thatiane Cristina Fialho Botelho
Vanda do Carmo Lucas dos Santos
Joyce Santana Bernardo
Sebastião Lopes Acácio

2026 by Seven Editora

Copyright © Seven Editora

Copyright do Texto © 2026 Os Autores

Copyright da Edição © 2026 Seven Editora

PRODUÇÃO EDITORIAL

Seven Publicações Ltda

EDIÇÃO DE ARTE

Evellyn Thais de Souza

EDIÇÃO DE TEXTO

Stephanie Caroline Meyer de Quadros

BIBLIOTECÁRIA

Bruna Heller

IMAGENS DE CAPA

Evellyn Thais de Souza

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Seven Publicações Ltda. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Seven Publicações Ltda é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação.

Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.



O conteúdo deste Livro foi enviado pelos autores para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição Creative Commons 4.0 Internacional

CONSELHO EDITORIAL

EDITORA CHEFE

Prof. Me. Isabele de Souza Carvalho

CONSELHO EDITORIAL

Adriana Barni Truccolo - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
Adriana Barretta Almeida - Universidade Federal do Paraná
Alessandre Gomes de Lima - Faculdade de Medicina da Universidade do Porto
Anderson Nunes da Silva - Universidade Federal do Norte do Tocantins
Antonio da Costa Cardoso Neto - Universidade de Flores, Buenos Aires
Antônio Alves de Fontes-Júnior - Universidade Cruzeiro do Sul
Ariane Fernandes da Conceição - Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Arnaldo Oliveira Souza Júnior - Universidade Federal do Piauí, CEAD
Caio Vinicius Efigenio Formiga - Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Charles Henrique Andrade de Oliveira - Universidade de Pernambuco
Egas José Armando - Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique
Inaldo Kley do Nascimento Moraes - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Irlane Maia de Oliveira - Universidade Federal de Mato Grosso
Janyel Trevisol - Universidade Federal de Santa Maria
Jorge Fernando Silva de Menezes - Universidade de Aveiro
Jorge Luís Pereira Cavalcante - Fundação Universitária Iberoamericana
Kleber Farinazo Borges - Universidade de Brasília
Luiz Gonzaga Lapa Junior - Universidade de Brasília
Mara Lucia da Silva Ribeiro - Universidade Federal de São Paulo
Marcelo Silva de Carvalho - Universidade Federal de Alfenas
Marcos Garcia Costa Moraes - Universidade Estadual da Paraíba
Maria Gorete Valus - Universidade Estadual de Campinas
Mônica Maria de Almeida Brainer - Instituto Federal de Goiás, Campus Ceres
Moacir Silva de Castro - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Paulo Roberto Duailibe Monteiro - Universidade Federal Fluminense
Pedro Henrique Ferreira Marçal - Universidade Vale do Rio Doce
Rafael Braga Esteves - Universidade de São Paulo
Telma Regina Stroparo - Universidade Estadual de Ponta Grossa
Valéria Raquel Alcantara Barbosa - Fundação Oswaldo Cruz
Wanderson Santos de Farias - Universidade do Desenvolvimento Sustentável
Yuni Saputri M.A - Universidade Nalanda, Índia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A629

O Antigomobilismo como Prática Cultural [recurso eletrônico] : Memória, Identidade e Disputa de Legitimação em Viçosa, MG / Victor de Souza Silveira ... [et al.]. – São José dos Pinhais, PR: Editora Seven, 2026.
Dados eletrônicos (1 PDF).

ISBN 978-65-6109-408-5

1. Antigomobilismo. 2. Memória. 3. Identidade.
4. Brasil – história. I. Silveira, Victor de Souza. II. Silva, Charlene Aparecida da. III. Oliveira, Rafaela Araújo de.
IV. Silveira, Elton Tadeu da. V. Título.

CDU 796.71(091)

Bruna Heller - Bibliotecária - CRB10/2348

Índices para catálogo sistemático:

1 Automobilismo 796.71

2 História (091)

DOI: 10.56238/livrosindi202690-001

Seven Publications Company
CNPJ: 43.789.355/0001-14
editora@sevenevents.com.br
São José dos Pinhais/PR

AUTORES

Victor de Souza Silveira

E-mail: victordsss@gmail.com

Mestre em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania pela Universidade Federal de Viçosa

Charlene Aparecida da Silva

E-mail: charleneapsilva@gmail.com

Mestre em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania pela Universidade Federal de Viçosa

Rafaela Araújo de Oliveira

E-mail: rafaelaa.oliveira@ufv.br

Pós-graduação em Gestão Pública pela Faculdades Integradas de Jacarepaguá

Elton Tadeu da Silveira

E-mail: eltonsilveira@yahoo.com.br

Pós-graduação em Controladoria e Finanças pela Universidade Federal de Viçosa

Ricardo Augusto Paes Ribeiro

E-mail: ricardo.a.ribeiro@ufv.br

Pós-graduação em Gestão Pública pela Faculdade Focus

Thatiane Cristina Fialho Botelho

E-mail: thatiane.botelho@ufv.br

Mestranda em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania pela Universidade Federal de Viçosa

Vanda do Carmo Lucas dos Santos

E-mail: vlucas@ufv.br

Mestre em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania pela Universidade Federal de Viçosa

Joyce Santana Bernardo

E-mail: joyce.bernardo@ufv.br

Mestre em Administração pela Universidade Federal de Viçosa

Sebastião Lopes Acácio

RESUMO

Este artigo analisa o antigomobilismo em Viçosa-MG como um fenômeno sociocultural que envolve questões de preservação patrimonial, identidade coletiva e disputas de legitimação. Inserida em uma pesquisa mais ampla, a investigação adota como recorte o estudo de caso das associações locais AAVI (Associação de Antigomobilismo de Viçosa) e CCAV (Clube de Carros Antigos de Viçosa), além da participação desses grupos em eventos como a Semana do Fazendeiro. A análise revela como os veículos antigos operam como "monumentos móveis", que não apenas materializam memórias afetivas, mas também expõem tensões entre a preservação purista e a apropriação cotidiana do patrimônio. A metodologia utilizada inclui entrevistas, observação participante e revisão documental, permitindo identificar conflitos entre lógicas de elitização e democratização do patrimônio, ao questionar os critérios oficiais de reconhecimento cultural. O estudo conclui pela necessidade de políticas públicas que integrem os atores locais e promovam o antigomobilismo como uma expressão dinâmica da memória industrial brasileira.

Palavra-chave: Antigomobilismo; Cultura Material; Memória Social; Patrimônio Cultural.

ABSTRACT

This article analyzes antigomobilism in Viçosa-MG as a sociocultural phenomenon involving issues of heritage preservation, collective identity, and legitimacy disputes. Embedded in a broader research project, the study focuses on a case study of the local associations AAVI (Viçosa Antique Automobile Association) and CCAV (Viçosa Antique Car Club), as well as the participation of these groups in events such as Farmer's Week. The analysis reveals how antique vehicles function as "mobile monuments," not only materializing affective memories but also exposing tensions between purist preservation and the everyday appropriation of heritage. The methodology includes interviews, participant observation, and document review, allowing for the identification of conflicts between logics of elitization and democratization of heritage while questioning official criteria for cultural recognition. The study concludes with the need for public policies that integrate local actors and promote antigomobilism as a dynamic expression of Brazil's industrial memory.

Keywords: Antigomobilism; Material Culture; Social Memory; Cultural Heritage.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
METODOLOGIA.....	9
O ANTIGOMOBILISMO EM AÇÃO: ASSOCIAÇÕES, CLUBES E EVENTOS NA CONSTRUÇÃO DA CULTURA E DAS RELAÇÕES SOCIAIS.....	10
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS.....	24

INTRODUÇÃO

O antigomobilismo emerge, no século XXI, como um campo fértil para reflexões acerca do patrimônio cultural, transcendendo sua dimensão colecionista para assumir contornos de prática social complexa. A conservação e a valorização de veículos antigos, além de representarem um esforço de manutenção da memória industrial, envolvem redes de sociabilidade, disputas simbólicas e fluxos econômicos, configurando-se como um fenômeno que demanda maior atenção acadêmica.

No Brasil, a indústria automotiva consolidou-se como um vetor de modernidade ao longo do século XX (Wolff, 2013), sendo responsável por significativas transformações na estrutura econômica, na organização do espaço urbano e na cultura material do país. Nesse contexto, a preservação de automóveis antigos adquire uma dimensão que extrapola o mero colecionismo, tornando-se um elemento de construção identitária e de negociação de valores patrimoniais. Em Viçosa-MG, essa dinâmica manifesta-se por meio da atuação de dois grupos, a AAVI (Associação de Antigomobilismo de Viçosa) e o CCAV (Clube do Carro Antigo de Viçosa), que protagonizam narrativas divergentes sobre o significado cultural dos veículos históricos e sua inserção na memória coletiva da cidade.

Nesse cenário, partimos do pressuposto de que o antigomobilismo pode ser compreendido sob três principais eixos analíticos. Primeiramente, como patrimônio industrial móvel, em consonância com os estudos de Gonçalves (2007) sobre cultura material, evidenciando a relevância dos veículos antigos como testemunhos da evolução técnica e produtiva. Em segundo lugar, como um lugar de memória (Nora, 1993), onde identidades geracionais são negociadas e reafirmadas através de práticas de restauração, exposições e eventos automobilísticos. Por fim, como um campo de disputa, no qual diferentes atores sociais, dotados de capital cultural e econômico assimétrico (Bourdieu, 1984), buscam legitimidade para suas práticas e discursos sobre o que deve ser preservado e valorizado en-quanto patrimônio.

A pesquisa justifica-se pela lacuna nos estudos brasileiros sobre a preservação de bens industriais móveis, uma vez que as discussões sobre patrimônio industrial frequentemente privilegiam edificações e complexos fabris, relegando a um plano secundário os objetos e artefatos que compõem essa herança material. Ademais, torna-se premente a necessidade de ampliar o debate sobre políticas patrimoniais inclusivas,

capazes de reconhecer e legitimar iniciativas comunitárias e colecionistas na construção de uma memória coletiva mais plural. O objetivo deste artigo, portanto, é analisar como os antigomobilistas de Viçosa constroem legitimidade para sua prática, tensionando noções oficiais de patrimônio e reivindicando a valorização dos automóveis antigos como elementos significativos da cultura material e da memória social.

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo seguiu uma abordagem qualitativa, com o objetivo de compreender os processos sociais, culturais e simbólicos que envolvem o antigomobilismo em Viçosa-MG, particularmente no que diz respeito à construção de legitimidade e aos discursos sobre a preservação de veículos históricos. Os dados empíricos foram coletados por meio de três procedimentos principais.

Primeiramente, foram realizadas 12 entrevistas semiestruturadas com membros da AAVI (Associação de Antigomobilismo de Viçosa), do CCAV (Clube do Carro Antigo de Viçosa) e do poder público, sendo 7 entrevistados da AAVI, 4 do CCAV e 1 representante do poder público. As entrevistas foram transcritas e analisadas por meio da técnica de análise de conteúdo temática (Bardin, 2011), com o objetivo de identificar as principais categorias e tópicos que emergiram dos relatos, além de compreender as diferentes visões sobre o significado cultural dos automóveis antigos e o papel das associações na preservação desses bens.

Em seguida, foi realizada uma observação participante em eventos promovidos pelos clubes, como a Exposição de Veículos Antigos de Viçosa (ESAV), ocorrida em 2019, durante a Semana do Fazendeiro organizada pela Universidade Federal de Viçosa. Nos eventos, foram mantidos registros em diário de campo, com anotações sobre as interações entre os participantes, as práticas de restauração e os discursos sobre patrimônio, o que permitiu uma compreensão mais profunda das dinâmicas de sociabilidade e da construção identitária associada ao antigomobilismo.

Além disso, foi realizada uma análise documental de atas de reuniões das associações, da legislação municipal pertinente (Lei nº 2.231/2016), que regula o patrimônio cultural no município, e das publicações institucionais dos clubes. A análise desses documentos complementou a coleta de dados empíricos, fornecendo um contexto normativo e institucional relevante para as práticas observadas.

O ANTIGOMOBILISMO EM AÇÃO: ASSOCIAÇÕES, CLUBES E EVENTOS NA CONSTRUÇÃO DA CULTURA E DAS RELAÇÕES SOCIAIS

Em Viçosa, o maior evento de antigomobilismo conhecido é a ESAV – Exposição Sobre Antigomobilismo de Viçosa, organizada pela AAVI desde 2013. Realizada anualmente no campus da Universidade Federal de Viçosa, em conjunto com a Semana do Fazendeiro, a exposição reúne colecionadores, entusiastas e o público em geral, promovendo a valorização do patrimônio automobilístico antigo. O evento se destaca não apenas pela exibição de veículos históricos, mas também pelo fortalecimento da identidade cultural e das relações sociais entre os participantes, consolidando-se como um dos principais encontros do gênero na região. Segundo um dos seus idealizadores, entrevistado (E1), o nome ESAV foi uma espécie de homenagem ao nome original da UFV, uma vez que essa era a sigla utilizada na sua fundação em 1926. O evento ESAV dura dois dias, e já conta com uma grande participação de antigomobilistas de toda a Zona da Mata mineira, de outras regiões e até de outros estados. É um evento bem organizado e, segundo seus idealizadores, a seleção de veículos expositores segue critérios alinhados com a FBVA. A atividade conta com uma boa quantidade de expositores, há premiações para os melhores veículos, atividades culturais como apresentação de bandas com música ao vivo, mercado de peças antigas usadas, miniaturas de carro, acessórios, etc. A ESAV já consta no calendário de eventos do antigomobilismo nacional que é divulgado anualmente nos meios de comunicação acessados por antigomobilistas de todos Brasil.

O Clube do Carro Antigo de Viçosa (CCAV) também organiza encontros e bate papos mensais desde a sua fundação em meados de 2013. Os locais são diversos: já ocorreram encontros na UFV, na Estação Cultural de Viçosa, na Avenida Castelo Branco, em postos de gasolina e junto ao estacionamento do Colégio de Viçosa, atual paço municipal. Nos eventos do clube são aceitos veículos dos mais diversos segmentos, sejam modernos ou antigos, e em quaisquer estados de conservação e estilo. O lema do CCAV, segundo seus idealizadores, é gostar de carros em geral e valorizar a boa amizade e respeito entre os membros, não se apegando unicamente aos objetos de posse.

A questão mais nítida das divergências entre estes grupos está na sua forma de ver e utilizar o automóvel antigo, enquanto, em geral, as pessoas do CCAV utilizam os veículos diariamente para lazer e uso cotidiano, inclusive para trabalho, são adeptos de pequenas

modificações estéticas sem se apegarem muito aos detalhes de originalidade da época, além de haver um senso comum de que não há problemas que um veículo possua marcas causadas pelo uso e pelo tempo. O outro grupo, a AAVI, tem apreço por veículos originais, restaurados e sem personalizações estéticas que tirem sua originalidade e geralmente os veículos são usados somente para fins de exposição.

Nesse contexto, observamos que, para os membros do grupo CCAV, o veículo pode e deve ser usado sem restrições, o que muitas vezes é uma necessidade, já que são veículos para uso diário e trabalho, o que também mostra uma nova dimensão sobre o uso dos patrimônios que não deveriam ficar apenas para fruição dos observadores, mas, sim, serem igualmente usufruídos por seus donos. Além disto, para o clube, também não há distinção de ano de fabricação, modelo de carro ou se há modificações e marcas de uso constante. Essas perspectivas mostram-se diferentes no grupo AAVI, que já vê o automóvel antigo com mais ressalvas. Em sua maioria, os membros gostam de veículos originais e bem restaurados, e o seu uso também se limita aos encontros e passeios esporádicos, deixando-os no patamar de objetos de coleção e fruição.

Alguns eventos já ocorreram na cidade em conjunto com os dois grupos, os quais ocorreram geralmente no dia da cidade, junto à Estação Cultural ou na exposição da Semana do Fazendeiro — esta última, organizada pela AAVI. De acordo com as entrevistas, apesar de algumas divergências em relação às interpretações de como estes dois grupos enxergam e usam o carro antigo, há um bom convívio, e ambos têm muito a contribuir para a difusão da cultura e preservação do patrimônio sobre rodas da cidade.

Porém, foi perceptível que, apesar da boa convivência, há diferenças entre os grupos, as quais são sugeridas pelos perfis socioeconômicos, além da diferença de faixa etária entre os membros dos grupos, o que, conseqüentemente, nos leva à questão das memórias compartilhadas, que são diferentes. Entretanto, cumpre deixar claro que essas observações não se constituem necessariamente a regras, já que há pessoas com ambos os perfis participando dos dois grupos.

Um dos pontos centrais notados tanto nas entrevistas quanto na observação participante realizada nos eventos e reuniões dos grupos foi a questão da vivência em grupos e o relacionamento interpessoal proporcionado pelo antigomobilismo em suas atividades cotidianas. Nas entrevistas foi repetido inúmeras vezes sobre a importância das relações de amizade nestes grupos, as confraternizações e a troca de experiências; também,

todos falaram muito dos carros em si como objeto de culto e desejo e de momentos comuns compartilhados entre estas pessoas.

A participação nestes grupos pode ser observada dentro do conceito de memória cumulativa abordado por Aleida Assmann (2011), que trata sobre o compartilhamento de experiências entre os indivíduos e as memórias acumuladas através das gerações — fator este facilmente observado durante conversas informais e entrevistas nos encontros e exposições de antigomobilismo, em que os relatos, muitas vezes, associam os veículos antigos a fatos e vivências que foram sendo passados através das pessoas ao longo do tempo, acumulando, assim, e inclusive, um processo de aprendizagem.

Outra questão abordada nas entrevistas foi o questionamento do papel desses grupos e das suas atividades no âmbito de fomentar alguma espécie de sentimento de pertencimento em uma comunidade, o sentimento de preservação em quem possui veículos antigos e objetos relacionados e o reconhecimento dos mesmos enquanto artefato histórico, bem como a vontade de expor estes veículos em eventos e a difusão do conhecimento sobre os veículos antigos e sua cultura para os leigos e gerações futuras.

Conforme citado por alguns entrevistados da AAVI, quando questionados sobre qual é o papel destas associações e clubes para comunidade em geral, houve um senso comum de que os eventos deveriam ter uma função social e dar algum retorno benéfico para a comunidade à qual pertence. E1 conta que, em geral, as associações e clubes de veículos antigos, através de seus eventos tentam dar algum retorno de caráter social para a comunidade.

Eu acho que os eventos são muito bons, é a oportunidade de você mostrar um bem que você tem que você gosta, cuida e zela por ele. E esses eventos normalmente são eventos de caráter benéfico, normalmente a inscrição é uma cesta básica, você sempre procurando ajudar uma entidade, quando o evento não é benéfico, geralmente são eventos sem fins lucrativos que apenas cobrem o custo da despesa (E1).

E1 completa sua fala afirmando o papel que a AAVI pode desempenhar enquanto uma entidade recreativa que proporciona a difusão do antigomobilismo através da preservação dos artefatos e divulgação da cultura. Mas acredita que a associação também poderia ter uma ação filantrópica, que daria algum retorno benéfico à comunidade em que está inserida, e que isto também ajuda a comunidade a enxergar o movimento e o grupo de uma forma mais íntima.

Agora a associação, o papel que ela tem, e importante, é de mobilizar essas pessoas que tem estes carros para mostrar, fazer eventos beneficentes. Eu gosto muito do evento beneficente, a gente participa de alguns eventos aqui na região e eles são beneficentes e isso é muito legal! Sempre tem uma APAE junto, uma escola junto e quanto você tem a APAE você tem crianças, pessoas mais velhas e mais jovens aquilo é legal porque as pessoas interagem com o patrimônio, o carro antigo é um negócio que todo mundo gosta! Não consigo ver alguém que passe pelo carro antigo e que não pare para dar aquela olhada! Então eventos em cidades pequenas, o evento é beneficente, para APAE, algum Asilo, aquilo já fica simpático, e você chega lá e vê aquele carro antigo, que seu pai andou, seu avô tinha (E1).

A questão de os clubes antigomobilistas ter um lado beneficente pode, em um olhar mais raso, parecer uma atitude nobre e altruísta, porém há de se destacar que a filantropia sempre foi um instrumento utilizado pelas classes sociais mais elevadas como uma forma de marcar sua distinção e posição social, além de agregar pessoas com interesses em comum. Prática muito utilizada por clubes de serviço como Rotary, Interact, Lions, Maçonaria e outras ONGs, a caridade através de clubes e grupos traz consigo simbologias que vão além do que se pode enxergar, num primeiro olhar. O questionamento fica no fato de que a caridade poderia ser praticada por qualquer pessoa de forma anônima, e que traria o mesmo efeito para o beneficiário, mas que, quando um clube ou grupo faz de forma explícita, ela serve para o ganho de visualização, projeção e isenções fiscais, além das curtidas nas redes sociais em um mundo moderno, que é ditado pelos influenciadores digitais. Dessa forma, a filantropia também é uma forma de autopromoção para pessoas e/ou instituições – embora as diferenças sociais continuem delimitadas em seu local. Nesse sentido, a questão do retorno à sociedade precisa ser bem pensada, de modo que possa a vir ofertar ações de transformação efetiva da realidade. De acordo com os participantes da pesquisa, essa ideia ainda se encontra em desenvolvimento.

Evidentemente, diante das observações, foi constatado que não são especificamente estas as intenções dos grupos de Viçosa e de seus participantes, já que ambos sequer praticam a filantropia da forma exemplificada, pois nos grupos de Viçosa, nunca foi observado nada que tenha gerado alguma visibilidade neste sentido, o que difere da prática comum em vários grandes clubes brasileiros, compostos por pessoas da classe média alta, ricos, famosos e alguns milionários anônimos, que buscam realizar tais práticas filantrópicas com intenções que ultrapassam o altruísmo.

Durante a observação participante nos eventos de ambos clubes foi visto que existe um clima de amizade e companheirismo entre os membros. Foi muito citado pelos membros dos grupos que a vivência, o gosto comum e a amizade são muito importantes.

Esses aspectos podem ser compreendidos à luz da abordagem de Georg Simmel (2006), que destaca como os indivíduos estão interconectados por meio da influência mútua e da determinação recíproca que exercem entre si. Nesse âmbito, é preciso ter em mente que a sociedade é um produto das relações de distinção que passam pelas questões de poder, posse, paixão e desejos; logo os indivíduos se interligam e se relacionam em torno dessas relações de escolha, como é o caso dos grupos em questão.

Fatos sobre a integração social entre pessoas que se relacionam através do antigomobilismo podem ser corroborados através de depoimentos como o de E2, do Clube do Carro Antigo de Viçosa, ao afirmar que a posse do carro antigo lhe proporciona criar relações de amizade com pessoas que têm afinidades semelhantes.

O legal do antigomobilismo é que você sai com o carro na rua, você faz amizade em cada esquina. As pessoas comentam que carro legal e tal, lembram que o pai teve um desse, ou que foi o primeiro carro que ele dirigiu. Eu saio com meu carro, cada esquina, eu tenho um elogio para o carro (E2).

As relações interpessoais costumam ser muito valorizadas nos grupos antigomobilistas e estão, muitas vezes, acima dos veículos em si. E3, do CCAV, diz que, no grupo de que faz parte, apesar da paixão por veículos ser importante, a amizade é mais valorizada e que mesmo quem não possui veículos, mas que deseja os ter, é bem-vindo no grupo. Por outro lado, E3 sinaliza implicitamente que, para que haja identificação e associação no seu grupo, é necessário que haja, de fato, pelo menos a paixão pelos veículos, o que não poderia deixar de ser diferente, já que não faria sentido fazer parte de um grupo se não for pelos interesses comuns que conectam as pessoas.

A essência do nosso clube basicamente é relacionada à amizade que nós temos, juntando pessoas que gostam de carros, não somente carros antigos. (...) Pra gente, claro que a paixão pelo carro é importante, mas se você não tiver carro, também é bem-vindo! Se você só gostar, se você tem sonho de ter um carro, as pessoas são bem-vindas no nosso clube! O que vale é amizade (E3).

A esse respeito, E4, da Associação de Antigomobilismo de Viçosa, fez uma analogia sobre o que, para ele, seria a representatividade do automóvel antigo, o qual considera uma “máquina de fazer amigos”. Esse comentário ocorreu especificamente no VII ESAV de 2019, durante a observação participante que faz parte desta pesquisa, quando foi presenciado um fato curioso, em que um vigilante da UFV, ao puxar assunto com este membro da AAVI sobre o veículo VW Kombi da associação, foi contando várias histórias

de sua juventude e fatos familiares vividos a bordo das Kombis que fizeram parte da sua vida, já que seu pai gostava muito deste modelo. Ao terminar a conversa com o funcionário da UFV, que até então era um desconhecido para o membro da AAVI antes do fato ocorrido, o mesmo comentou que esses acontecimentos são frequentes nesse contexto. Ele considera que os automóveis antigos são como máquinas de se fazer amigos já que o automóvel em si foi o que proporcionou tal conversa e aproximação. Neste cenário, o automóvel apareceu como um catalisador de memórias e um conector de sujeitos que compartilham desejos e motivações comuns, apesar de nunca terem se visto antes.

Durante a pesquisa, observamos que o CCAV, assim como a AAVI, também faz uso do espaço da UFV, realizando alguns encontros no *campus*. Todavia, diferente da associação, os eventos do CCAV parecem ser mais informais, além de transparecer que o grupo não faz questão de usar especificamente este espaço. O CCAV também não conta com a divulgação e apoio institucional conseguido pela AAVI, que protagoniza o evento ESAV no calendário oficial da Semana do Fazendeiro. Há um consenso entre pessoas que frequentam o CCAV de que o evento na UFV é algo da AAVI, como se fosse algo impenetrável quando se pensa na participação do evento enquanto organizadores e não como expositores ou expectadores.

Acreditamos que toda cena se desenha porque ela advém de articulações de professores, ex-professores e servidores técnicos administrativos da instituição (aposentados ou não), que também são antigomobilistas filiados à associação e participam da organização. Há nesse contexto, portanto, um natural envolvimento de capital político na universidade.

Em contraponto a esse cenário, os últimos bate-papos do CCAV vêm ocorrendo nas mediações do estacionamento do colégio de Viçosa, atual prefeitura municipal, onde se parece começar a estabelecer ali naquele espaço, o território desse grupo.

Quando indagados sobre a realização de mais eventos na cidade, para além do *campus* universitário, E1 afirma: “Nós vivemos na comunidade de Viçosa, trabalhamos aqui na instituição, mas vivemos todos na comunidade, e a gente tem o dever de compartilhar com a comunidade, né?”. Isso demonstrou a intenção do entrevistado em difundir a cultura antigomobilista para além da UFV e a consciência sobre um possível espaço demarcado ou restrito, já que existe um senso comum de que a UFV se distancia muito da cidade por vários aspectos, sejam físicos ou sociais. Muitas pessoas da cidade, em especial das periferias, enxergam a universidade como algo fora de sua realidade e

inalcançável. Há uma crítica comum em comunidades periféricas sobre questões como os pesquisadores da UFV se deslocarem para estes locais com o intuito de coletar dados para atividades de pesquisa e extensão e, após os conseguirem, voltarem-se para as publicações de trabalhos, se esquecendo do local. Ações como essas geram, inclusive, uma rejeição à universidade por parte de muitos viçosenses.

Esta relação, suas interpretações e desdobramentos pode se estender para outras atividades que acabam se fechando muito no espaço da UFV, como é o caso da Semana do Fazendeiro e todas atividades ligadas à sua programação, como a exposição ESAV. O fato de um grupo antigomobilista que teve considerável parte de sua base constituída por pessoas ligadas a UFV, professores, servidores, ex-alunos, fez com que estes tivessem uma facilidade em utilizar o campus da universidade para suas atividades, inclusive com a inserção de um evento no calendário oficial, o que fez com que a imagem do encontro ficasse muito atrelada à instituição e que fica mais reforçada quando o evento inclusive é batizado com o primeiro nome da universidade (ESAV). Toda essa combinação de fatores somados a existência de outro grupo antigomobilista também viçosense, mas com perfil diferente, gerou questionamentos do porquê não haver organização por parte da AAVI outros eventos da mesma magnitude do ESAV fora da instituição, e neste sentido, o entrevistado veio elucidar ao ser questionado, sobre a necessidade de levar a atividade cultural para outros espaços de Viçosa. Apesar dos eventos da AAVI terem ficados marcados pelo ESAV na UFV, a associação já promoveu em meados de 2015 alguns encontros na cidade, no espaço onde fica a Estação Cultural.

Dando continuidade à entrevista, E1 também foi questionado sobre a motivação de participar de eventos, ao que justificou pelo fato de estes congregarem pessoas com interesses comuns, e que o alinhamento destas afinidades faz com que, para ele, seja agradável a participação das atividades proporcionadas por esses grupos, criando laços afetivos de amizade com as pessoas.

Esses eventos são muito importantes, pois em cada evento você faz novos amigos, você sempre ganha um novo amigo, conhece uma pessoa que você passa a ser amigo dela. E tem pessoas que você conhece nesses eventos que parece que você a conhece há 20 anos, 30 anos, mas é uma pessoa que você conheceu agora mesmo e por afinidade gostar das mesmas coisas, você acaba indo com a família, a esposa também acaba conhecendo pessoas e também passa a ser amiga dessas pessoas, e isso torna o final de semana mais agradável, né? (E1).

E5 também falou sobre a relação de amizade estabelecida dentro dos eventos, destacando que valoriza muito esse aspecto. O colecionador conta que, inclusive, a aproximação da AAVI e da FBVA se deu através de uma amizade que ele fez nestes encontros em outra cidade. Vejamos:

Eu acho interessante, porque o que acontece, quando você mexe com carro antigo, você cria amizades, e são amizades sadias, eu mesmo já participei de muitos eventos no passado em vários locais no Sul, e em São Paulo. E a vantagem dos encontros de carro antigo, tanto regionais quanto no Brasil, como um todo, é que você interage e faz boas amizades, são amizades sadias! E foi assim que fiz o contato da AAVI com a FBVA, através do Roberto Suga (presidente da FBVA então), que conheci num encontro em Novo Hamburgo – RS. A partir dessa amizade com ele conheci outras pessoas de importantes clubes de carro antigo do Brasil do Uruguai, e da Argentina. Fui a muitos bons eventos na região Sul do Brasil, lá tem uma cultura antigomobilista mais consolidada (E5).

Esta fala do entrevistado aponta, ainda que implicitamente, que sua visão de “amizade sadia” poderia ser interpretada como a amizade que proporciona se aproximar das pessoas influentes no meio antigomobilista nacional, como o então presidente da FBVA, e que esta proximidade poderia, de certa forma, privilegiar o seu clube local, no caso a AAVI, que passaria a ser reconhecida pela Federação de Antigomobilismo Brasileira - o que, conseqüentemente, daria mais prestígio ao grupo viçosense no cenário nacional. A amizade com uma pessoa importante para o cenário antigomobilista nacional poderia trazer outras relações com pessoas também influentes de grandes clubes de veículos antigos no Brasil, o que faz com que todo o clube local, de forma direta, acabe por também prestigiar o membro que proporcionou estas aproximações com a FBVA e outros grandes clubes de renome do país.

Para E6 fazer parte de grupos é congregar amizades com interesses comuns, além de poder admirar os carros. Segundo ele, as atividades ajudam a motivar as pessoas a se dedicarem mais ao antigomobilismo e até mesmo a aumentarem suas coleções.

Olha, com a fundação da AAVI há sete ou oito anos atrás, nós congregamos amigos que têm a mesma afinidade e aí é o interessante: quando junta fortalece mais, e a gente começa a perceber o entusiasmo dos companheiros também, os carros, o esmero que eles têm com os carros, e isso acaba fortalecendo a gente dentro deste propósito. Eu acho que pra todos isso aconteceu, tanto que muitos dos companheiros passaram a adquirir mais carros, a coleção aumentou (E6).

As questões de sociabilidade entre os grupos com interesses comuns pode ser entendida através da ideia que liga o patrimônio ao acúmulo de riquezas, conforme

abordado por Françoise Choay (2014), que conecta a noção de patrimônio à transmissão de herança entre gerações e faz referência à memória de um conjunto de pessoas, criando vínculos e afinidades entre os membros deste grupo. Esta noção ainda evoca uma questão debatida por Gonçalves (2007), que lembra sobre a ideia de identidade ligada ao passado, em que os objetos e o movimento cultural estão inseridos num ambiente onde as identidades coletivas e individuais podem ser definidas através da posse destes bens culturais que estão atrelados a um conceito de passado nacional, já que são capazes de evocar o passado garantindo uma espécie de continuidade na linha temporal.

E6 acredita que os eventos, além de proporcionarem sociabilidade e de aprofundarem as relações entre pessoas que têm gostos comuns, servem também para os “leigos” em antigomobilismo rememorarem o passado através destes objetos.

E quanto à nossa participação (nos eventos), é a curtição e o prazer de estar organizando algo que nos é gratificante e é uma coisa bacana pra todo mundo, e o leigo em antigomobilismo, que não tem carro antigo também tem curtido muito porque ver estas raridades aí volta à memória, como, por exemplo, acontecimentos que já viveram nestes carros (E6).

Através destas falas sobre as percepções dos entrevistados quanto ao papel dos eventos sobre antigomobilismo em servirem de ferramenta que dê suporte as memórias do passado (lugares de memória), há de se traçar um paralelo com as premissas de Pierre Nora (1993), autor que afirma que a sociedade tende a construir lembranças somente a partir de indivíduos que se identificam, resultando assim nestes vínculos que se formam entre estes grupos e que fazem com que a memória coletiva e acreditada como a real seja criada pelas interações entre estes sujeitos.

Para os entrevistados que vivenciaram estas memórias e as construíram entre seus pares, fica uma espécie de senso comum de que, de fato, os eventos sirvam como catalisadores de memórias para todos espectadores, o que deve, de qualquer forma, ser analisado com muito cuidado, não tomando as memórias deste grupo como uma verdade absoluta. Por outro lado, é importante não subestimar tais depoimentos, pois, conforme afirmado pelo próprio Nora (1993), a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos, em constante evolução, aberta à dialética entre lembrança e esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, enquanto a história se configura como uma reconstrução do que já não existe mais, podendo se fundamentar em memórias e versões selecionadas por quem a elabora.

Para E7, “as associações, de um modo geral, vêm para dar mais publicidade aos eventos, despertar os interesses nos proprietários, no público, nas crianças que adoram os eventos”, e completa com a opinião de que “o papel das associações e federações é importantíssimo para preservar esta memória e demonstrar aos governos que se trata de uma questão cultural também”. Porém, E7 demonstrou que o acesso das pessoas a esta cultura está muito restrito, devido ao alto custo para a aquisição e manutenção dos veículos, mas reconhece que existem outras culturas surgindo neste meio com alternativas que podem proporcionar a participação de mais pessoas.

O que bate muito com nossa intenção é a situação econômica do país, a gente sabe que é um *hobby* caro, e a gente sabe da situação econômica do Brasil, então, realmente são pessoas com mais condições que conseguem despertar um interesse e bancar esse *hobby*. Em virtude dos altos preços de restauração dos carros, têm surgido outras classes e segmentos, como o *Rat Rod*, o *Rot Rod*. É uma forma da pessoa também não deixar apagar a chama do antigomobilismo, quem gosta do veículo, embora não consiga deixar o carro totalmente original, consegue se inserir e participar em outra categoria de veículo. Essa questão econômica de certa forma afeta muito (E7).

Pela fala do participante fica muito evidente como que a questão financeira limita o acesso desta cultura a grupos menores. Coletar quaisquer objetos demanda reservas financeiras para tal e, quando se trata de carros, muitas vezes a aquisição de uma única peça ou apenas o fato de fazer uma viagem para algum evento torna-se inviável, já que os gastos com combustível, hospedagem e alimentação são altos e possivelmente podem fazer falta no orçamento dos entusiastas menos abastados, o que também acaba fechando a participação de muitas pessoas em grandes eventos nacionais, que terminam por receber somente os indivíduos que possuem condições financeiras que podem pagar para estar ali.

Este fator, por outro lado, teve seus desdobramentos positivos com o surgimento de outras vertentes e ressignificações do movimento, que criaram grupos em que são cultuados veículos antigos desgastados pelo tempo, como os *rat rods*, modificados como *hot rods*, clubes de modelos populares como o carismático VW Fusca, dentre infinitas possibilidades. A nostalgia, o desejo pelos automóveis e os valores atribuídos aos mesmos na nossa cultura faz com que as pessoas queiram fazer parte dos grupos antigomobilistas. Quando são rejeitadas em grupos elitistas, os indivíduos criam seus próprios grupos de forma que estes atendam aos seus anseios à sua maneira. Estes desdobramentos são fatores muito positivos, pois não deixam que as elites se perpetuem também neste rol, mantendo

somente a sua narrativa sobre a cultura automobilística que, querendo ou não, faz parte da vida de todos de alguma forma.

Em Viçosa, esta percepção mais voltada aos desdobramentos do antigomobilismo se encontra no Clube do Carro Antigo de Viçosa, que tem uma concepção voltada a acolher os adeptos das mais diversas vertentes do automobilismo sem criar muitas regras restritivas. Por outro lado, existe a Associação de Antigomobilismo de Viçosa que, pelo fato de ser composta de pessoas de faixa etária mais elevada, posição socioeconômica alta e estar filiada à FBVA (Federação Brasileira de Veículos Antigos), se estabeleceu através de um grupo mais restrito quanto às regras de qual tipo de automóvel é aceito na participação dos eventos e filiação ao clube.

As justificativas dadas por ambos os lados, quando questionados sobre estas possíveis diferenças, geralmente são a de que o CCAV tem pessoas mais jovens e com ideologia mais flexível quanto ao conceito do que é antigomobilismo e também que seus membros têm preferências mais diversificadas quanto ao estilo das suas peças, além da questão de terem em seu lema o objetivo não discriminar nenhum tipo de veículo ou pessoa. Já o grupo AAVI seria mais conservador quanto à questão de originalidade e composição das peças de coleção e, portanto, mais seletivo no tipo de carros que compõe o clube.

Também é observado que as maiores coleções em número de peças e originalidade estão concentradas nas mãos de membros da AAVI, o que é um indicativo socioeconômico, pois, já são veículos considerados raros e caros, logo quem possui condições para mantê-los são, logicamente, pessoas com situação financeira mais confortável.

Assim, pudemos observar que fatores econômicos, sociais e culturais compõem, juntos o rol das relações interpessoais do antigomobilismo viçosense. Ambos os grupos estudados são compostos, em quase sua totalidade, por homens, o que retrata a relação deste gênero com o automóvel dentro da sociedade ocidental que sempre atrelou a imagem do carro a questões ligadas a masculinidade como força, vigor, liberdade e sucesso financeiro. No caso da AAVI, além da questão de todos os membros serem do gênero masculino, é observada que a idade média da maioria dos membros é mais elevada (em torno dos 50 a 60 anos), o que pode explicar a predileção dos seus membros por veículos mais originais, mais antigos, raros e sofisticados. Por outro lado, no Clube do Carro Antigo há uma participação ainda que bastante tímida de algumas mulheres (com as quais não conseguimos contato para entrevista), e cuja idade média dos membros é mais jovem e oscila na casa dos 20 a 40 anos, o que pode justificar uma predileção maior por automóveis

um pouco mais modernos e modificados, e que também não deixa de transparecer indicadores econômicos, já que estes carros, ainda custam menos.

Dentre os membros entrevistados, foi observado que a AAVI é composta por pessoas de classe social mais elevada e, conseqüentemente, de maior poder aquisitivo, o que se justifica pelo tamanho de suas coleções e pela raridade das peças. O grupo AAVI é composto por comerciantes, profissionais liberais, professores universitários e servidores públicos. Já dentre os membros do CCAV entrevistados, havia estudantes, prestadores de serviços, comerciários e técnicos. Neste grupo, as coleções são mais modestas ou a pessoa possui apenas um veículo que, geralmente, é mais moderno e de menor valor financeiro no mercado antigomobilista.

Muitos autores tentaram tipificar o colecionismo, e dentre estas tipificações aparece o conceito de colecionismo social, teoria a partir da qual o indivíduo deveria demonstrar que possui sua própria coleção e/ou dedicação e conhecimento pela causa para atender a um determinado perfil de grupo. As relações nos grupos antigomobilistas estudados tem muito desta concepção, apesar de este não ser um critério fechado, já que existem inúmeras outras motivações para a formação de grupos variados e as respectivas coleções de seus membros.

Porém há de se ressaltar que, apesar de todas as diferenças, todos os entrevistados de ambos os grupos abordados nesta pesquisa reconhecem essas organizações são importantes na promoção da cultura antigomobilista e na preservação do patrimônio automotivo, além de ser notável a paixão destas pessoas pelos automóveis e pela cultura do antigomobilismo, onde todos fazem, cada qual do seu jeito, esforços para manter viva as memórias criadas em torno do objeto automóvel assim como as relações construídas através de vivências proporcionadas por estes objetos.

Também não podemos deixar de lado a questão monetária, já que é notável que, apesar de serem signos carregados de simbolismos afetivos, também possuem um alto valor e são muito cobiçados, além de se valorizarem exponencialmente, o que atrai cada vez mais os olhares e desejos sobre o desfrute destes itens. Ademais, eles também servem para hierarquizar as pessoas através da posse dos mesmos em suas coleções.

Por fim, foi perceptível que estas pessoas buscam participar de eventos, tentam aumentar as coleções, preservar os veículos e outros artefatos, assim como fazem questão de estreitar relações com pessoas que compartilham do mesmo gosto. Conclui-se que a

posse do automóvel antigo ou mesmo o desejo e a paixão por estes objetos, proporcionam de fato o estreitamento destas relações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada ao longo deste estudo demonstra que o antigomobilismo em Viçosa se configura como uma arena de conflitos entre duas lógicas distintas: por um lado, a visão museológica da AAVI, que busca preservar os veículos como peças raras e autênticas, alinhada com modelos tradicionais de museus e coleções; por outro, a prática comunitária do CCAV, que adota uma abordagem mais flexível e acessível, baseada na participação e no engajamento coletivo. Esses diferentes posicionamentos, ainda que complementares, revelam as tensões existentes em torno da definição do que deve ser considerado patrimônio e como ele deve ser tratado.

O estudo também evidencia que o antigomobilismo representa um desafio para as políticas públicas de preservação, pois exige modelos de salvaguarda que transcendam as dicotomias entre originalidade e apropriação. A dinâmica entre conservação e utilização dos veículos antigos como patrimônio cultural demanda uma abordagem mais inclusiva e adaptada à realidade das práticas comunitárias, reconhecendo a importância das iniciativas locais e o valor das experiências cotidianas que elas geram.

Sugere-se maior diálogo entre atores locais, instituições públicas e os próprios antigomobilistas para desenvolver modelos de salvaguarda que equilibrem preservação e uso, respeitando as múltiplas formas de apropriação cultural. O antigomobilismo em Viçosa transcende o colecionismo, configurando-se como um campo de negociação de valores patrimoniais e identitários. A coexistência das perspectivas da AAVI e do CCAV demonstra a riqueza desse fenômeno, que desafia noções convencionais de patrimônio e demanda abordagens pluralistas. Futuras pesquisas poderão explorar o impacto dessas práticas em outras regiões, bem como seu potencial para fortalecer políticas culturais mais participativas e representativas da diversidade social.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Unicamp, 2011.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2011.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BOURDIEU, Pierre. Distinção: crítica social do julgamento. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp, 2007.

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. Tradução de António Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 2014.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Departamento de Museus e Centros Culturais, 2007.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

SIMMEL, Georg. Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

WOLFF, Francis. Nossa humanidade: de Aristóteles às neurociências. Tradução de Jorge Bastos. São Paulo: Unesp, 2013.

REALIZAÇÃO:



ACESSE NOSSO CATÁLOGO!



WWW.SEVENPUBLI.COM

CONECTANDO O **PESQUISADOR** E A **CIÊNCIA** EM UM SÓ CLIQUE.